

## SARTRE ENTRE REFLEXÃO FENOMENOLÓGICA E REFLEXÃO PURA<sup>1</sup>

Marcus Sacrini (USP)<sup>2</sup>

sacrini@usp.br

**Resumo:** É sabido que Sartre, ainda que tenha se considerado um fenomenólogo por alguns anos, critica explicitamente posições defendidas por Husserl, tais como aquelas referentes ao eu puro. Gostaria de apontar neste artigo para uma divergência (contida em *A transcendência do ego*) menos notada porém mais fundamental entre esses autores, a saber, aquela referente à interpretação do critério de evidência que deve guiar a reflexão. Pretendo mostrar que ao assumir um critério muito mais forte que aquele de Husserl, Sartre se compromete com posições problemáticas, que só serão superadas em *Esboço de uma teoria das emoções*.

**Palavras-chave:** Sartre; Husserl; reflexão pura; instantaneidade da consciência.

### INTRODUÇÃO

É sabido que Sartre estudou intensamente alguns textos de Husserl no início da década de 30, quando chegou a permanecer como bolsista em Berlim. Ele mesmo reconheceu alguns anos depois, nos *Cadernos de uma guerra estranha*, que nessa época Husserl foi o autor que mais o influenciou, e que chegou a ver a si mesmo como um discípulo do filósofo alemão:

Husserl me havia tomado, eu via tudo através das perspectivas da sua filosofia que me era, aliás, mais acessível, por sua aparência de cartesianismo (SARTRE 1983, 225).

Mas nesse mesmo trecho dos *Cadernos* Sartre acentua o

---

<sup>1</sup> Recebido: 13-12-2011/Aprovado: 30-05-2012/Publicado on-line: 15-09-2012.

<sup>2</sup> Marcus Sacrini é Professor Adjunto da Universidade de São Paulo, São Paulo, SP. Brasil.

seu modo bastante peculiar de se filiar às doutrinas alheias. O instrumental filosófico assimilado serve de base para questionamentos que levam a exhibir os limites desse próprio instrumental de partida:

Eu só poderia chegar a Heidegger após ter esgotado Husserl. E, para mim, esgotar um filósofo é refletir nas suas perspectivas, fazer-me ideias pessoais às suas custas até que eu caia em um beco sem saída (SARTRE 1983, 226).

Assim, ainda que Sartre tenha se considerado um fenomenólogo por alguns anos, de modo algum ele se limitou a divulgar a fenomenologia de Husserl nesse período. Os textos produzidos por ele nesses anos já envolvem um posicionamento original em relação à herança husserliana. Esse é o caso do famoso artigo *A transcendência do ego*, publicado em 1936. Ali há, por exemplo, críticas explícitas à noção de ego transcendental adotada por Husserl em *Ideias I*. Neste artigo, eu gostaria de trazer à luz um distanciamento mais velado de Sartre em relação a Husserl no artigo de 1936, porém, talvez com consequências mais profundas para o seu posicionamento filosófico que as famosas críticas ao ego transcendental. Trata-se do modelo de reflexão adotado em *A transcendência do ego*. Somente numa passagem muito rápida do texto Sartre sugere que não pratica ali exatamente a reflexão fenomenológica, mas o que então é chamado de “reflexão pura” (SARTRE 2003, 110). Tentarei inicialmente explicitar as diferenças entre ambas as reflexões e esclarecer o posicionamento filosófico adotado por Sartre no artigo de 1936. A seguir, gostaria de mostrar que, devido à reflexão pura, Sartre se compromete com teses bastante problemáticas nesse texto, as quais só serão abandonadas no *Esboço de uma teoria das emoções*, publicado em 1939.

## 1.

A *transcendência do ego* oferece uma detalhada descrição da consciência, descrição que à primeira vista, parece um exercício da reflexão fenomenológica desenvolvida por Husserl. Afinal, há certas teses e tarefas centrais pelas quais Husserl demarcou o âmbito da fenomenologia, e Sartre deixa bem claro no início do seu artigo que aceita ao menos algumas delas. Ele afirma, por exemplo:

De nossa parte, nós acreditamos de bom grado na existência de uma consciência constituinte. Nós seguimos Husserl em cada uma das admiráveis descrições em que ele mostra a consciência transcendental que constitui o mundo se aprisionando na consciência empírica (SARTRE 2003, 95-6).

Sartre leu muito bem *Ideias I* e assimilou o projeto transcendental geral ali delineado. Neste livro, Husserl propõe a fenomenologia como disciplina que investiga, entre outros temas, os modos intencionais pelos quais a consciência se refere às coisas e eventos. O desvelamento de uma consciência constituinte do sentido da experiência é, assim, uma das teses fundamentais da fenomenologia transcendental<sup>3</sup>, tese que Sartre claramente assume em *A transcendência do ego*. Essa tese implica uma tarefa maior para a fenomenologia, a saber, esclarecer quais são os modos de manifestação dos objetos com base nas capacidades da consciência (consideradas em sua estrutura eidética). Trata-se aqui da análise constitutiva, uma investigação que pre-

---

<sup>3</sup>“A realidade, tanto a realidade da coisa tomada isoladamente, como a realidade do mundo inteiro, é por essência (no nosso sentido rigoroso) desprovida de independência. Ela não é em si algo absoluto e que secundariamente se submete a um outro, mas, no sentido absoluto, não é nada, não tem ‘essência absoluta’, tem a essencialidade de algo que é por princípio *apenas* um intencional, um conscientizado, um representado, um aparecimento na forma de consciência” (HUSSERL 1950, § 50, 118).

tende explicitar de que maneira, com base nos dados fenomenais evidentes, é possível ter a experiência daquilo que é transcendente<sup>4</sup>.

Em *A transcendência do ego*, Sartre claramente aplica esse tipo de reflexão fenomenológica para o tema do ego puro. A ideia é que, se se segue de maneira estrita os dados evidentes da consciência, a posição de um eu transcendental unificador e individualizador da vida consciente é desnecessária e errônea<sup>5</sup>. Nesse caso, Sartre segue as recomendações de Husserl ainda que chegue a uma conclusão oposta ao que o filósofo alemão defendeu em *Ideias I*. Sartre recusa o ego puro como componente da consciência transcendental, e julga que os dados fenomenológicos evidentes justificam, no máximo, o reconhecimento de um campo transcendental anônimo<sup>6</sup>. Mas esse resultado, contrário à letra de Husserl, pretende ser fiel ao espírito da fenomenologia. É em nome da restrição fenomenológica aos dados evidentes que Sartre critica o ego puro e defende a consciência anônima como resultado da purificação transcendental da experiência. Desse modo, a discordância em relação ao papel do ego (se ele é um componente da esfera de pura imanência, como quer Husserl, ou se ele é somente um tipo

---

<sup>4</sup>A fenomenologia “procura investigar como o idêntico, como unidades objetivas de toda espécie, não realmente imanentes, ‘chegam à consciência’, como são ‘visadas’, como fazem parte da identidade do visado configurações de consciência de estrutura bem diversa, que, no entanto, são requeridas por essência, e como essas configurações poderiam ser descritas de modo metodicamente rigoroso” (HUSSERL 1950, § 86, 213-4).

<sup>5</sup>“Nós podemos então responder sem hesitar: a concepção fenomenológica da consciência torna o papel unificante e individualizante do eu totalmente inútil. É a consciência, ao contrário, que torna possível e unidade e a personalidade do meu eu. O eu transcendental não tem, portanto, razão de ser” (SARTRE 2003, 97) [itálico meu].

<sup>6</sup>“O campo transcendental, purificado de toda estrutura egológica, recobra sua limpidez primeira. Num certo sentido, é um *nada*, já que todos os objetos físicos, psicofísicos e psíquicos, todas as verdades, todos os valores estão fora dele, já que meu próprio eu [Moi] cessou de fazer parte dele” (*Ibid.*, 125).

particular de objeto transcendente, como propõe Sartre) não é um tema que marca a ruptura de Sartre em relação ao método fenomenológico, já que a posição sartriana é estabelecida *em nome da fenomenologia*<sup>7</sup>. O *ego* puro é excluído da consciência transcendental por meio de uma aplicação rigorosa da redução fenomenológica, método que exige a suspensão da validade de toda transcendência a fim de revelar o domínio daquilo que é puramente evidente<sup>8</sup>. Essa discordância atestaria somente que Sartre pretende ser um fenomenólogo mais atento aos dados evidentes que Husserl, mas não indica ainda uma ruptura em relação ao método.

## 2.

No entanto, no decorrer do texto de Sartre, é possível reconhecer um distanciamento ainda mais significativo em relação a Husserl que aquele surgido em relação ao *ego*, um distanciamento relativo ao próprio método fenomenológico. Numa passagem em particular, no terceiro parágrafo do item A da segunda seção, Sartre avisa o leitor que a reflexão ali praticada por ele (reflexão pura) “não é, entretanto, forçosamente a reflexão fenomenológica” (SARTRE 2003, 110). Sem grande alarde, ele reconhece que aquilo que vem sendo desenvolvido no seu texto não se alinha bem ao tipo

---

<sup>7</sup>Ao recusar o *ego* puro como componente da consciência, Sartre pretende claramente evitar que a fenomenologia assumira uma tese que vai contra seus próprios princípios: “todos os resultados da fenomenologia ameaçam ruir se o eu não é, no mesmo sentido que o mundo, um existente relativo, quer dizer, um objeto *para* a consciência” (*Ibid.*, 99).

<sup>8</sup>O próprio Husserl admite que o *ego* é transcendente, no sentido de que envolve mais aspectos que aqueles que se manifestam imediatamente à consciência intuitiva. Mas Husserl julga que o *ego* é um tipo especial de transcendência, “em certo sentido, não constituída” (HUSSERL 1950, § 57, 138), e que, dessa maneira, ele faz sim parte da consciência transcendental. Sartre exige coerência absoluta na aplicação da redução fenomenológica: se toda transcendência deve ser suspensa, o mesmo deve valer para o *ego*. Não haveria, do seu ponto de vista, nenhum tipo de transcendência especial.

de reflexão proposta por Husserl. Deve-se então matizar aquela crença inicial em uma consciência constituinte. Não necessariamente se trata aqui de reproduzir o movimento reflexivo husserliano. O tema da consciência constituinte, Sartre vai paulatinamente explicitando esse ponto no correr de seu texto, é abordado por meio de uma reflexão que não é exatamente aquela sugerida por Husserl.

Aqui cabe perguntar: em que a reflexão pura anunciada por Sartre não se identifica com a reflexão fenomenológica apresentada por Husserl? Acredito que o ponto principal de discordância seja o modo como Sartre interpreta o *critério de evidência* da reflexão. Faz-se necessário retomar neste ponto, ainda que de modo simplificado, como esse tema se desenvolve ao menos em parte da fenomenologia husserliana para então estabelecer o contraste com a posição sartriana.

Husserl apresenta a passagem da orientação natural para a orientação fenomenológica como uma aberturado âmbito das puras evidências, ou seja, âmbito em que as vivências são apreendidas em seu *ser absoluto* doado imediatamente à reflexão<sup>9</sup>. Uma vez que se suspende a validade das crenças e conhecimentos acerca da existência transcendente das coisas, revela-se a *pura fenomenalidade*, a *pura correlação* entre as capacidades da consciência e os objetos enquanto manifestados para a consciência. E como esse âmbito da consciência purificada de todo traço de transcendência se revela em termos de evidência? Como a vivência, enquanto ser absoluto, indubitável, se manifesta? Husserl

---

<sup>9</sup>“Na orientação natural, *efetuamos* pura e simplesmente todos os atos por meio dos quais o mundo está aí para nós. (...) Na orientação fenomenológica, nós *impedimos*, em generalidade de princípio, a *efetuação* de todas essas teses cogitativas, isto é, nós ‘colocamos entre parênteses’ as teses efetuadas, e ‘não compartilhamos dessas teses’ para fazer novas investigações; em vez de nelas viver, de *as* efetuar, efetuamos atos de *reflexão* a elas direcionados, e as apreendemos como o *ser absoluto* que elas são” (HUSSERL 1950, § 50, 119).

considera que as vivências da consciência, ao contrário dos objetos percebidos, por exemplo, não se manifestam por múltiplos perfis parciais, mas se doam de uma só vez tais como são, revelando diretamente seus componentes<sup>10</sup>. Ao olhar reflexivo, as vivências aparecem tais como são, sem nenhum resto transcendente que exigiria que se adotasse um outro ponto de vista para ser revelado.

Ocorre que Husserl reconhece que esse critério de evidência vale se aplicado para o momento *presente* de uma vivência, e não leva em conta o fato de que a vivência se desenrola num fluxo temporal e que, à medida que se torna passada nesse fluxo não porta o mesmo grau de evidência que antes. Há uma passagem decisiva acerca desse ponto em *Ideias I*:

Também uma vivência jamais é completamente percebida, ela não é adequadamente apreensível em sua unidade plena. Ela é, por sua essência, um fluxo, que, se dirigimos o olhar reflexivo para ela, podemos acompanhar desde o momento presente, mas cujos trechos percorridos estão perdidos para a percepção. Temos uma consciência do que acaba imediatamente de decorrer somente na forma de retenção, na forma, por exemplo, de rememoração retroativa. E, finalmente, todo meu fluxo de vivências é uma unidade de vivências, da qual é por princípio impossível uma completa apreensão de percepção que “transcorra junto com ela” (HUSSERL 1950, § 44, 103).

A consciência fenomenológica, tal como descrita por Husserl, é um fluxo temporal. O presente da consciência está espontaneamente envolvido em um rastro de retenções e espontaneamente aberto a protensões. Assim que um novo presente se instaura, atualizando uma protensão, o antigo

---

<sup>10</sup>“A percepção de vivência é uma vista simples de algo *dado* (ou a ser dado) como ‘absoluto’ na percepção e não como o idêntico em modos de aparição por perfil. (...) Uma vivência de sentimento não se perfila. Se para ela lanço meu olhar, tenho um absoluto, ela não tem lados que possam se exhibir, ora de um jeito ora de outro” (*Ibid.*, § 44, 101-2).

presente se torna recém-sido e cada vez mais se afasta do campo da experiência atual. E à medida que transcende o presente em direção ao passado, a vivência não se doa do mesmo modo ao olhar reflexivo, sua evidência não é mais adequada, já que o passado se perfila no presente conforme sua posição na rede de retenções que se acumulam continuamente. Husserl desenvolve tais considerações, entre outros textos, na parte final de seu curso *Problemas fundamentais de fenomenologia*, de 1910-1, ao qual Sartre provavelmente não teve acesso, embora suas conclusões ecoem naquele trecho do § 44 de *Ideias I* citado logo acima.

No curso de 1910, Husserl admite que nem tudo o que se manifesta no campo fenomenológico da consciência pura o faz com o mesmo grau de evidência. Aquilo que é presente, manifesta-se com evidência adequada, e esse não é o caso daquilo que é passado ou abertura protensional ao futuro<sup>11</sup>. Mas mesmo se dotado de um grau menor de evidência, aquilo que é passado, por exemplo, deve ser considerado pela reflexão fenomenológica<sup>12</sup>. Para Husserl, seria um grande erro recusar a validade da doação das vivências passadas somente porque sua evidência não é aquela das vivências presentes. Seria absurdo, só porque o passado transcende o presente, suspender a validade do passado, aplicar uma ultra-redução fenomenológica que nos limitaria ao presente. Dessa maneira, destruir-se-ia a unidade da pró-

---

<sup>11</sup>“Tornar-se-á evidente que a redução fenomenológica nos leva, pela primeira vez, à doação absoluta, a qual chamamos provisoriamente de *visão* fenomenológica, isto é, de *percepção* fenomenológica, cujo caráter absoluto e indubitável pode ser certamente defendido. Mas de algum modo entrelaçado com ela há outros modos de doação (sempre no interior da orientação fenomenológica), cujo caráter absoluto não é defensável da mesma maneira (a saber, como indubitabilidade)” (HUSSERL 1973, § 23, 159).

<sup>12</sup>“Por conseguinte, nós admitimos “transcendência” no interior da orientação fenomenológica, a saber, enquanto nós não somente admitimos a própria retenção como ser fenomenológico, mas também aquilo de que ela é retenção” (*Ibid.*, § 25, 162).

pria consciência fenomenológica, tal como desvelada após a redução, e nada mais se poderia afirmar corretamente dela<sup>13</sup>. Afinal, se a consciência se revela fenomenologicamente como um fluxo articulado, e não como uma sucessão de instantes presentes isolados, então insistir em só aceitar a evidência do agora implicaria perder quase todo o campo de fenômenos da consciência.

Vê-se, assim, que Husserl aceita diferentes graus de evidência no domínio fenomenológico, graus diretamente ligados à modulação temporal das vivências da consciência. É exatamente essa flexibilização da evidência que Sartre parece recusar com sua reflexão pura, cujo domínio de investigação se limita à evidência adequada. Essa limitação aparece ali no momento em que Sartre rapidamente distingue reflexão pura e reflexão fenomenológica: “a reflexão pura (que não é forçosamente a reflexão fenomenológica) se limita ao dado sem elevar pretensões ao futuro” (SARTRE 2003, 110), e mesmo ao passado, o leitor poderia acrescentar. Afinal, a reflexão pura exercida por Sartre é “simplesmente descritiva, (...) desarma a consciência irrefletida devolvendo-lhe sua instantaneidade” (*Id.*). Trata-se de reconhecer como válida somente a evidência presente, a instantaneidade da vivência, desconsiderando seu entrelaçamento num fluxo de retenções e protensões.

Dessa maneira, Sartre suspende a validade de todo dado que exceda a imanência pontual, e só considera como transcendentemente puro as vivências instantâneas, isoladas, que se sucedem sem continuidade estrutural. Essa ma-

---

<sup>13</sup>A consequência de se recusar o passado como dado fenomenológico somente porque seu grau de evidência não é absoluta é grave: “poderíamos deixar claro que desconfiar de tal doação seria equivalente a se render às forças do ceticismo absoluto” (*Id.*).

neira de considerar a consciência é sugerida na conclusão de *A transcendência do ego*. Ali, a consciência transcendental, a consciência constituinte tematizada por Husserl e na qual Sartre confessara acreditar no início do seu texto, é apresentada como consciência que “se determina para a existência a cada instante sem que se possa conceber nada antes dela. Assim, cada instante da nossa vida consciente nos revela uma criação *ex nihilo*” (*Ibid.*, 127). Livre de toda transcendência (o que inclui o *ego* e todo o domínio psíquico), a consciência pura desvelada por Sartre forja a sua existência uma a cada instante, sem nenhuma conexão entre os momentos isolados de suas vivências, sem nenhuma direção apontada por sua conjunção. As vivências surgem como atualização de possibilidades de experiência, as quais são todas equivalentes<sup>14</sup>, já que nenhuma possibilidade disponível à consciência teria maior ou menor propensão (devido a hábitos ou expectativas, por exemplo) a se manifestar<sup>15</sup>.

É, assim, ao adotar uma visão descontínuista da consciência, em que cada instante existe por si só e se atesta com total evidência (o que implica igualar todas as possibilidades de vivência, já que não haveria no nível da consciência pura sedimentação de tendências que direcionariam o desenrolar das vivências), Sartre realmente se afasta da reflexão fenomenológica, embora sua reflexão pura tenha se inspirado no método husserliano de suspensão da validade daquilo que é transcendente. Ocorre que Sartre realiza essa suspensão de modo muito mais radical que Husserl. Esse último reconhece que se deve aceitar uma transcendência na ima-

---

<sup>14</sup>Retornarei a esse ponto na próxima seção.

<sup>15</sup>Dai que a liberdade em *A transcendência do ego* seja apresentada como “espontaneidade monstruosa” (SARTRE 2003, 128), isto é, puro brotamento de vivências a partir de possibilidades que em muito excedem aquilo que o *ego* considera moralmente aceitável.

nência, como vimos, ao considerar que a consciência se temporaliza e que as vivências passadas não portam o mesmo grau de evidência que as presentes. Mas Sartre não aceita nenhum grau de transcendência no campo transcendental, nem mesmo aquele referente à própria estrutura temporal da consciência, a qual é então reduzida, na reflexão pura, ao instante presente.

### 3.

Do ponto de vista da reflexão fenomenológica proposta por Husserl, a posição sartriana é bastante problemática. Haveria aqui um estreitamento excessivo do critério de evidência, limitado aos dados instantâneos da consciência presente. Essa limitação desfigura a consciência pura, tomada então como sucessão de vivências isoladas e independentes entre si. Tal desfiguração já se deixa pressentir no próprio texto de Sartre, em particular no seu tratamento dado às ações<sup>16</sup>, anunciadas como “um dos problemas mais difíceis da fenomenologia” (SARTRE 2003, 112). As ações, sejam elas desenvolvidas no mundo (andar, trabalhar, viajar, etc.) sejam desenvolvidas somente no nível psíquico (elaborar um juízo, extrair uma conclusão, etc.), são, para Sartre unidades sintéticas transcendentais, ou seja, *objetos constituídos* que excedem a pureza imanente das vivências instantâneas (constituintes). Cada fase de uma ação, enquanto fase presente, se apresenta com evidência, mas a ação global nunca é um dado evidente, já que ela envolve uma espessura temporal que excede os instantes isolados.

---

<sup>16</sup>De Coorebyter, desenvolve com detalhe esse ponto. Cf. (DECOOREBYTER 2000, 404-5, 437-442).

É difícil entender como esse tipo de análise pode dar conta das ações mais corriqueiras. Paro de ler este texto para tomar água. Levanto-me, saio do quarto vou até a cozinha. Não encontro nenhum copo à vista. Procuo em um armário e encontro uma xícara. Ela me basta. Com ela tomo diversos goles d'água. Eis aqui um exemplo de uma ação banal, mas com dificuldades inextricáveis para a reflexão pura sartriana. Cada uma das fases da ação complexa “tomar água” (que eu formulei, acima, em uma respectiva frase) se atesta com evidência no instante em que ocorre. Mas que elas se sucedam em uma certa ordem, que não é aleatória, não é algo explicável do ponto de vista da reflexão pura. Afinal, para Sartre cada vivência brota na consciência a partir do nada; nenhuma delas foi antecipada ou preparada por nada e, por sua vez, nenhuma delas anuncia ou antecede alguma vivência em particular. Que após eu não encontrar nenhum copo à disposição eu abra um armário para procurar um recipiente para a água é uma contingência absoluta. Se em vez de abrir o armário eu tivesse pulado da janela do apartamento ou esfaqueado um vizinho, ou mesmo se a ordem das vivências no exemplo acima se alterasse, não haveria, em nenhum desses casos, porque se surpreender. Cada vivência é uma possibilidade que a consciência atualiza a partir do nada, sem que haja laços internos de motivação entre os instantes de maneira a tornar a manifestação de certas vivências muito mais prováveis que outras. Nenhuma fase elementar de uma ação condiciona sua fase seguinte. A vivência que se segue, fechada em sua própria evidência, pode ser qualquer uma, e que haja uma sequência harmônica de vivências instantâneas constituindo uma ação é praticamente um milagre inexplicável, dado o quadro teórico assumido por Sartre em *A transcendência*

do ego.

#### 4.

Sartre desenvolveu sua reflexão pura ao radicalizar o critério de evidência estabelecido por Husserl para a reflexão fenomenológica. Só é legítimo reconhecer como evidente, para a reflexão sartriana, as vivências instantâneas. Esse seria o núcleo de pura imanência com base no qual se poderia acompanhar como toda transcendência empírica é constituída, inclusive os estados psíquicos e ações, tomados por Sartre como objetos transcendentos, frutos de sínteses que excedem o campo transcendental instantâneo da consciência. É assim que Sartre se afasta da fenomenologia de Husserl mesmo no interior dos anos em que se considerou discípulo do filósofo alemão. No entanto, como tentei mostrar, a reflexão pura proposta por Sartre o compromete com teses difíceis de sustentar, tais como a instantaneidade da consciência. E, de fato, nos *Cadernos de uma guerra estranha* há uma passagem em que Sartre parece reconhecer as insuficiências de suas considerações diante do caráter temporal da consciência:

Eu tenho uma espécie de vergonha de abordar o exame da temporalidade. O tempo sempre me pareceu um quebra-cabeça filosófico e eu fiz, sem me dar conta, uma filosofia do instante (o que Koyré me censurou uma noite de junho de 1939) por não compreender a duração (SARTRE 1983, 256).

Tenho a impressão de que Sartre só oferece uma análise satisfatória da temporalidade constituinte da consciência no livro *Esboço de uma teoria das emoções*, de 1939. Ali, a consciência irrefletida impessoal (que em *A transcendência do ego* era apresentada como consciência pura) não é mais apre-

sentada como uma autodeterminação instantânea a partir do nada. Reconhece-se que há uma densidade temporal constitutiva das vivências irrefletidas, que há sínteses espontâneas que costuram fenômenos complexos mesmo nesse nível. Essa mudança de posição se deixa notar, por exemplo, na análise que Sartre propõe do ato de escrever:

No momento em que eu traço uma [palavra], eu não presto atenção isoladamente em cada uma das hastes e pernas de letras que minha mão forma: eu estou num estado especial de espera, a espera criadora, eu espero que a palavra – que eu conheço antecipadamente – tome a mão que escreve e as hastes e pernas que ela traça para se realizar (SARTRE 2010, 40).

Quem escreve não toma consciência de cada letra isoladamente, mas se envolve em um esquema temporal amplo, na qual a ação da escrita se desenrola. Aqui, a ação global não é mais reduzida a uma justaposição de fases instantâneas isoladas; Sartre reconhece que há unidades temporais espessas, nas quais as diversas fases de uma ação estão entrelaçadas, como fenômenos evidentes, ainda que não se trate mais daquela evidência perfeitamente adequada exigida por *A transcendência do ego*.

Mas será que essa tematização da temporalidade imamente à consciência significa uma reaproximação de Husserl? De modo algum. No *Esboço*, Sartre não pretende mais alcançar o ponto de vista de uma consciência transcendental constituinte (pretensão que no artigo de 1936 o levava a deixar de lado a reflexão fenomenológica em nome de uma reflexão pura, ainda mais radical). Não se trata mais de realizar uma purificação da consciência, tal como sugerido por Husserl. Sartre pretende agora desenvolver uma *psicologia fenomenológico-eidética*, para a qual não é preciso realizar a redução fenomenológica e desligar a consciência de suas vi-

vências concretas para então revelar a estrutura pura que torna possível a ordenação de quaisquer fenômenos possíveis. Ocorre aqui uma mudança significativa no tratamento da consciência. Como bem nota Luiz Damon Moutinho, assumir o ponto de vista de uma psicologia eidético-fenomenológica, significa tomar ao menos algumas dimensões do nível psíquico como *fenômeno*, ou seja, como um componente da vivência e não como algo que vai ser constituído com base em sínteses que excederiam a pura imanência (tal como ocorria em *A transcendência do ego* acerca das ações, por exemplo). (Cf. MOUTINHO 1995, 100). Assim, aquilo que em 1936 era tomado como objeto constituído (uma ação desenrolada no tempo, por exemplo) passa a ser considerado como dado evidente em 1939. Sartre amplia assim o que considera como vivência irrefletida, admitindo finalmente a temporalização da consciência.

Diante dessa análise psicológica da consciência, a busca por um ponto de vista transcendental puro, tal como Sartre acreditava ainda em *A transcendência do ego* se torna uma empreitada inútil. Na conclusão do *Esboço*, Sartre sugere que a fenomenologia transcendental (bem como, eu suspeito, a reflexão pura, tal como apresentada em 1936) não basta para compreender a realidade concreta humana, pois ela só apresenta possibilidades ideais de correlação intencional. Uma análise transcendental pura não pode esclarecer porque esse ou aquele fenômeno se manifesta concretamente, pois tal análise não considera as circunstâncias factuais da experiência<sup>17</sup>. Há mais na experiência concreta do que a

---

<sup>17</sup>“Mas se a fenomenologia pode provar que a emoção é uma realização de essência da realidade-humana enquanto ela é *afecção*, é para ela impossível mostrar que a realidade-humana deva se manifestar necessariamente *em tais* emoções” (SARTRE 2010, p.66).

mera atualização de possibilidades puras, há um contexto factual que sempre escapa a uma análise pura. Para desvelar tal contexto, a fenomenologia transcendental de Husserl é impotente, e aqui o afastamento de Sartre em relação a Husserl é irreversível, mas também em relação à própria reflexão pura proposta em *A transcendência do ego*. Será preciso então desenvolver um novo caminho para apreender a consciência em toda a sua riqueza existencial, o caminho ontológico que Sartre elabora nos anos quarenta, principalmente em *O ser e o nada*.

**Abstract:** It is known that Sartre, although having considered himself as a phenomenologist for some years, criticizes explicitly some positions held by Husserl, such as those related to the pure *ego*. I would like to point in this article to a less noted although more basic divergence (included in *The transcendence of the ego*) between these authors, namely, the divergence related to the interpretation of the evidence criterion that should guide reflection. I intend to show that by assuming a much stronger criterion than Husserl's, Sartre is committed to accept problematic positions, which will only be overthrown in *Sketch for a theory of the emotions*.

**Keywords:** Sartre; Husserl; pure reflection; instantaneity of consciousness.

## REFERÊNCIAS

DE COOREBYTER, V. *Sartre face à la phénoménologie*. Ousia: Bruxelles, 2000.

HUSSERL, E. *Ideen zu einer reinen Phänomenologie und phänomenologischen Philosophie. Erstes Buch. Hua III/1*. The Hague: Martinus Nijhoff Publishers, 1950.

\_\_\_\_\_. *Aus den Vorlesungen, Grundprobleme der Phänomenologie, Wintersemester 1910/1911*. In: \_\_\_\_\_. *Zur Phänomenologie der Intersubjektivität I*. Hua XIII. Haag: Martinus Nijhoff, 1973, p.111-234.

MOUTINHO, L. D. *Sartre: psicologia e fenomenologia*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SARTRE, J. P. *Esquisse d'une théorie des émotions*. Paris: Hermann, 2010.

\_\_\_\_\_. La transcendance de l'Ego. In: \_\_\_\_\_. *La transcendance de l'Ego et autres textes phénoménologiques*. Paris: Vrin, 2003, p.93-131.

\_\_\_\_\_. *Les carnets de la drôle de guerre*. Paris: Gallimard, 1983.